

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: REFLEXÕES BIBLIOGRÁFICAS ACERCA DO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA E ESCRITA NA AFROBETIZAÇÃO

LITERACY AND LITERACY: BIBLIOGRAPHIC REFLECTIONS ON THE PROCESS OF ACQUISITION OF READING AND WRITING IN AFROBETI- ZATION

Patrícia Pereira Paulino¹

Resumo: O presente trabalho discute as temáticas da educação e os processos de ensino-aprendizagem de Jovens e Adultos ao longo da sua vida, tomando como recorte relações raciais, afrobetização e EJA no Brasil, considerando o que determina a Lei 10.639/03. Trata-se de um estudo que contempla a análise de indicadores, a pesquisa bibliográfica e os dados de experiências na EJA pensados à luz de Paulo Freire. Os resultados revelam que o Ensino para os Jovens e Adultos por ser constituído majoritariamente por negras e negros, é basicamente uma política afirmativa, que busca solucionar distorções e injustiças históricas. Para isto, é apontada a união da afrobetização e letramentos de (re) existências.

Palavras-chave: Afrobetização, Letramentos, Educação de Jovens e Adultos.

¹ Graduada em História Licenciatura pela UFMG, Pós Graduação em Gestão de Instituições Federais de Ensino Superior, Pós Graduação em Gestão Escolar pela IPEMIG



Abstract: The present work discusses the themes of education and the teaching-learning processes of Youth and Adults throughout their lives, taking racial relations, Afrobetization and EJA in Brazil as a cut-out, considering what is determined by Law 10.639/03. This is a study that includes the analysis of indicators, bibliographical research and data from experiences in EJA, thought of in the light of Paulo Freire. The results reveal that Education for Young People and Adults, as it is mostly made up of black men and women, is basically an affirmative policy, which seeks to solve historical distortions and injustices. For this, the union of Afrobetization and literacy of (re)existences is pointed out.

Keywords: Afrobetização, Literacy, Youth and Adult Education.

INTRODUÇÃO

O presente artigo pretende abordar a alfabetização de Jovens e Adultos Negros no universo da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e as perspectivas de análise de sua existência. Pretende-se discutir o problema da afrobetização nos espaços da EJA; compreender como são formadas as identidades deste público escolar e pensar em que medida o processo de letramento deste público pode implicar na permanência/evasão neste espaço escolar; na mudança de paradigmas para a sua comunidade escolar e estabelecer parâmetros de avaliação das práticas de letramento e a EJA.

O presente artigo pontua que o fenômeno da evasão é social, ético, pessoal e contrapolítico com fatores expressivos no que diz respeito aos aspectos identitários e à construção/ressignificação das práticas de letramento destes alunos. Desse modo, os resultados interpretativos do artigo em questão apontam para o fato de que a desistência é algo social, emocional e politicamente importante



no processo de letramento.

Analisando as dinâmicas de produção da escrita e leitura discente na Educação de Jovens e Adultos (EJA) é perceptível a mudança e um deslocamento de posições sociais, podendo ser seguida de rupturas, com a mudança do contexto cultural, das interações e também das formas de atuação dos alunos em seu contexto social.

A evasão, desafio inerente ao processo de letramento de jovens e adultos negros no Brasil é admitida enquanto um fenômeno presente neste universo escolar da EJA, não podendo prescindir de olhares que apontam apenas a falta de interesse e apatia por parte dos adultos para a sua permanência na esfera educacional. Mais que isso é importante analisar que caminhos disponibilizados são intimamente acompanhados com olhares democráticos pelos educadores presentes na escola.

Quando se fala no presente artigo em educadores nas escolas, compreendemos todo o corpo docente e os demais envolvidos na estrutura educacional do espaço. Tudo é educação. Dentre os diferentes conceitos de identidade que partem de uma perspectiva cultural, neste artigo abordaremos a identidade como o entrelaçamento do eu com sua própria cultura nos processos de negociação de significados e posicionamentos em que o sujeito se assume na sua contextualização (AUER, 1995), os quais são concretizados em interlocuções.

O objetivo do trabalho é discutir e analisar as reflexões existentes acerca dos impactos, mudanças e fatores que implicam a afroretização na EJA e a identidade destes indivíduos refletida através da Educação.

Como objetivo específico podemos pontuar:

—Repensar o papel da Alfabetização e Letramento na EJA diante das transformações geradas por esta modalidade nos paradigmas da sociedade e das comunidades escolares.



—Pontuar os impactos positivos no enfrentamento dos educadores aos desafios de alfabetização do público da EJA.

—Analisar os avanços na sociedade e na Educação pensando a questão da evasão e da construção de uma identidade do público da EJA.

—Pontuar possibilidades e a sua influência para a alfabetização ao se problematizar as questões concernentes ao letramento e a evasão escolar na EJA.

—Colocar a importância da metodologia e mediação do professor para o entendimento e problematização destes fatores.

O público da EJA geralmente são trabalhadores e trabalhadoras em sua maioria negras(os) que, geralmente, precisam conseguir pessoas para cuidar dos filhos e parentes, lidam com ciúmes do companheiro ou companheira e mudam de endereço com frequência.

São, em sua maioria, de outras cidades e conseguem trabalho no horário noturno; chegam aos núcleos cansados, com fome, são tímidos, muitos sem pais, ou a família está separada.

Os seus pais muitas vezes não chegam a ter ensino fundamental completo, têm muitas dificuldades de falar em público, baixa autoestima quando percebem que o curso é distante do que esperavam, pensam em desistir constantemente e vivem muito próximos da violência urbana, do tráfico de drogas etc. (PMF; SME; DEC, 2008, p. 7).

Entender este público partindo de uma problematização das questões que envolvem a evasão escolar e as possibilidades de formação de suas identidades através da EJA é essencial para compreendermos as particularidades destes alunos. Todos os núcleos têm de estar preparados para atuar na prevenção do abandono no processo de escolarização.



DESENVOLVIMENTO

Na análise de interações simbolicamente mediadas pelo letramento, tendo foco na compreensão de como os fenômenos psicológicos são produzidos nestes discursos, é possível se pensar nas particularidades do letramento de Jovens e Adultos, que são em sua maioria negros e trabalhadores.

A posição do público da EJA caracteriza o seu lugar social, psicológico e discursivo perante uma sociedade que cobra pela homogeneização de currículos em vez de diversidade, que cobra pela globalização esquecendo de regiões invisíveis aos olhos das políticas governamentais. Espaços múltiplos estes que escrevem suas próprias narrativas e ressignificam conceitos de práticas discursivas de interações.

O posicionamento político democrático na Educação de Jovens e Adultos é uma estratégia que possibilita aos sujeitos educadores assumirem, negociarem, produzirem e rejeitarem tais posições estereotipadas, ou seja, tais posturas dos educadores se constituirão numa construção discursiva de histórias pessoais que farão ações inteligíveis enquanto atos sociais e dentro dos quais os membros de uma conversa têm locações específicas das quais muitas vezes não se sentem pertencentes.

A evasão é consequência de um reflexo da realidade vivida por essas pessoas nos ambientes de escolarização. A pesquisa enquanto atividade constitutiva da pedagogia crítica, se faz necessária no fortalecimento dos discursos de educadores e professoras nos diários enfrentamentos característicos do exercício da docência e do letramento.

BOURDIEU (1983) defende que o que é central aos alunos para a sua permanência na escola, seria a construção da identidade institucional pelos próprios alunos enquanto atores sociais e porque



não protagonistas dessa esfera em todos os seus níveis. Os posicionamentos deste público da EJA se referem à atualização de si, ao conjunto de possibilidades que a pessoa pode atuar, concretizando significados na interação e os transformando.

Na medida em que o indivíduo explica e argumenta o presente, apresenta e interpreta o passado, apresenta suas visões de mundo e projeta o futuro em suas possibilidades, ambivalências são identificadas da tensão produzida pelo sistema.

O atual momento brasileiro guarda semelhanças com a época vivida por Paulo Freire, marcada pelo abafamento da democracia e, conseqüentemente, do autoritarismo agora explícito sobre as minorias – pessoas que se encontram fora da esfera de atuação e dominação política e econômica (Freire, 1990)

Freire é simplesmente o educador brasileiro mais conhecido internacionalmente pela sua contribuição à teoria e à prática da educação de jovens e adultos. Percebendo a identidade como um processo em permanência e mudança, em que a pessoa, na sua historicidade, é múltipla e única, contínua e descontínua, individual e social, o sujeito múltiplo apresenta uma estrutura aberta e flexível (Straub, 2013), que experimenta as vivências de suas posições sociais e políticas.

Nesse sentido, Paulo Freire é um dos mais importantes filósofos da libertação, pioneiro da alfabetização e da pedagogia críticas sobre as abordagens da alfabetização e do letramento. Já as universidades são responsáveis por diferentes encaminhamentos em torno dos métodos, ancorados em teorias assumidas por diferentes grupos de pesquisadores.

Tais instituições são locais privilegiados para a produção científica, logo, a existência da diversidade metodológica para a alfabetização se torna inevitável, pois, comumente, é produto das ciências, caracterizadas pelo dinamismo em função das demandas sociais por inovação.



É preciso que se estabeleça uma ponte entre Universidade e Escolas, para que o conhecimento levantado pelo público da EJA seja analisado e entendido ao passo que o conhecimento levantado pela Universidade atenda às Escolas. Infelizmente há quem prefira deslegitimar a diversidade de saberes e prefira defender alguma metodologia como a única resposta ao desenvolvimento insatisfatório dos alunos em leitura e escrita (afroletramento e/ou afrobetização).

Cabe ao secretário de educação não adotar uma teoria oficial que implique num alinhamento conservador: com o tempo, a adesão crédula se impõe ao espírito de pesquisa e formação da autonomia. Resta aos gestores educacionais o desafio da construção de currículos flexíveis, receptivos ao diálogo com os demais agentes da educação, mesmo que, nas diretrizes elaboradas, sejam assumidas, mais ou menos, algumas teorias.

METODOLOGIA

É papel do educador inserir o indivíduo no seu meio social, com bagagem que possibilite nessa adoção formar um cidadão crítico, ativo, reflexivo e autônomo.

Neste processo é necessário um conhecimento microcultural da comunidade escolar por parte dos professores, ou seja, é importante que o mesmo conheça as condições reais de vida do aluno, ao se aproximar do seu mundo como alguém que sabe ouvir e que procura estar disponível e que também demonstra o quanto se importa com o que acontece com ele (PMF; SME; DEC, 2008, p. 7).

Nesse sentido, ao refletir sobre a contribuição dos estudos do letramento, é preciso que se considere a realidade social destes sujeitos e dos contextos em que as ações educativas se desenvolvem. É importante uma focalização do local, para além das condições sociais e econômicas, pensar



no modo como a cultura escrita circula entre os indivíduos, como ela é apropriada e como se constitui nas relações sociais nesses contextos específicos.

É importante que o espaço escolar e os diversos ambientes educativos dentro da escola direcionem os alunos da EJA para o futuro, fazendo-o interagir com os professores, outros alunos e também com as tecnologias disponíveis, de forma a incentivar um melhor aproveitamento do ensino.

Uma educação transformadora na EJA acontece onde há a valorização do conhecimento do aluno na sociedade enquanto um conteúdo integrador. Em que se pese o desenvolvimento do autoconhecimento, de alunos cidadãos.

É importante que as aulas para este público tenham como objetivo promover atividades em que o protagonismo e a autonomia dos sujeitos seja prioridade. Nas escolas que recebem alunos de EJA, observa-se a coordenação e o educador regente comentando sobre os contatos telefônicos feitos com os desistentes e os retornos obtidos.

Em muitos casos, os alunos que se evadiram, justificam tal evasão por motivos de natureza laboral ou de saúde, mas sempre se referem à intenção de retornar à escola em breve, comportamento que não acontece.

O que parece certo é que o movimento de permanência/evasão nesses contextos específicos tem causas diversas: do mesmo modo, parece certo que o estabelecimento de relações de diferentes ordens no espaço escolar pode ser determinante no que diz respeito à permanência ou não nesse espaço.

DISCUSSÃO TEÓRICA



A responsabilização das alfabetizadoras pelo fracasso escolar do público da EJA é um des-pautério. Mas haverá fracasso escolar se o olhar para o público da EJA não for transformador, liber-tador e despido de estereótipos que distanciam este público de seu espaço na sociedade.

Isso é fruto de uma leitura simplificada do emaranhado de atores integrantes do sistema de ensino. Até mesmo uma leitura crítica das políticas subjacentes à produção e distribuição de materiais didáticos traria algum esclarecimento a respeito do tipo de força incidente sobre o trabalho docente.

As narrativas possibilitam a compreensão das dinâmicas de permanências e mudanças na produção de significado e interpretações de si, do outro e do mundo, sobre a natureza e as condições da existência dos contextos vivenciados, das memórias e das tessituras de histórias de vida inter e trans geracionais. Para isso não é necessário ter um conhecimento formal, visto serem práticas uni-versais e culturais.

As narrações na EJA são ricas em declarações pois se referem à experiência pessoal e ten-dem a ser detalhadas com o foco em eventos e ações. Dessa maneira, o ato de contar história define-se como uma habilidade independente do educando e do conhecimento de línguas.

SEABRA e CAPOVILLA (2010) se contrapõem às políticas oficiais de alfabetização infor-madas pela abordagem teórica do construtivismo. O repúdio pelo viés construtivista na educação fica evidente nas escolhas lexicais referentes à teoria, em apresentações de diferentes edições do livro dos autores.

Quanto a esta discussão, Demo afirma que as teorias são feitas para serem questionadas. A necessidade da inserção dos alunos em práticas de escrita mais diversificadas do que as características dos diferentes métodos de alfabetização demanda o exercício da autonomia pelas educadoras (ALBU-QUERQUE; Morais; FERREIRA, 2008; GALVÃO; Leal, 2005).



Em outros termos, em função das transformações sociais, incluindo aí a emergência das tecnologias digitais, bem como do desenvolvimento produzido por pesquisas científicas, o processo de alfabetização exige, minimamente, das alfabetizadoras a garimpagem de propriedades de diferentes métodos para responder às demandas escolares.

Com senso crítico, CAGLIARI (2007, p. 64) pontua que não é o método fônico nem a teoria construtivista que é a salvação para um bom trabalho de afroletramento, mas a competência técnico-linguística do professor e as condições materiais de realização de seu trabalho.

FREIRE, (2014) coloca que em suas inquietações para uma compreensão rigorosa da alfabetização e de como se pode dar a alfabetização, trouxeram o sociolinguista e o psicolinguista, e não só os educadores.

Ou seja, a contribuição dos cientistas, dos pesquisadores no campo da sócio e da psicolinguagem e linguística, os seus achados, não são suficientes, não têm a autonomia, no sentido epistemológico da palavra, para explicar a relação entre cidadania e alfabetização. A explicação última é a da ciência política.

CONCLUSÃO

As pessoas se tornaram, ao longo de algumas décadas, cada vez mais consumidoras e produtoras da cultura tecnológica no mundo. É cada vez mais urgente que as tecnologias sejam parte significativa do universo da Educação.

As tecnologias móveis trazem grandes desafios de organização dos processos educacionais de forma interessante, atraente e eficiente dentro e fora do ambiente escolar” (J. MORAN, M. MA-



SETTO, e M. BEHRENS, 2013).

O uso das linguagens tecnológicas no ensino é um importante campo de investigação, uma possibilidade para o brincar aprendendo e a criação de conhecimento. O aprendizado normalmente se dá de forma diferenciada, a nova geração de alunos estabelece uma relação diferente com o conhecimento e com as informações recebidas, portanto, é necessário que a introdução tecnológica a ser feita no ambiente escolar tenha caráter criativo e crítico, buscando, como maior objetivo, o desenvolvimento da autonomia desses indivíduos.

Tendo em vista que o processo de aprendizagem é constante e permanente, a introdução da tecnologia no ambiente escolar não traz benefícios apenas aos alunos, mas também aos professores, que aprendem e atualizam suas informações junto com os alunos. A educação torna-se uma forma de emancipação do indivíduo.

Ao dominar técnicas e comandos das tecnologias utilizadas em sala de aula podem também utilizá-las em sua casa como ferramentas de aprimoramento do conteúdo apreendido na escola. O que também auxilia no processo de aprendizagem constante, ou seja, o aluno não deixa de aprender fora da escola, pois ele continua recebendo informações e transformando tudo o que tem contato com o conhecimento.

O professor, por outro lado, aprende sobre cada um de seus alunos. Como posto anteriormente, é errôneo acreditar que todos os indivíduos aprendem da mesma forma, com os mesmos estímulos, com o mesmo tempo. A introdução da tecnologia no ambiente escolar é forma de garantir que todos os alunos serão estimulados de acordo com suas necessidades.

As aulas e o aprendizado se tornam mais interessantes e dinâmicas aos alunos, que por vezes se percebem entediados e cansados dos métodos de ensino tradicionais, muitas vezes inclusive prefe-



rindo abandonar a escola do que permanecer em um ambiente de ensino obsoleto.

Utilizando-se desses recursos, formam-se indivíduos cada vez mais aptos a viver e a se relacionar com o mundo fora do seu ambiente escolar, até mesmo no mercado de trabalho. Ao conscientizar esses indivíduos de que o aprendizado nunca tem fim, eles serão cada vez mais capacitados e familiarizados com as técnicas de solução rápida e eficazes de conflitos reais.

Diante de todos os pontos apresentados, é inegável que a implantação de tecnologia no ambiente escolar só tem a beneficiar as escolas e enriquecer o trabalho dos professores, formando indivíduos cada vez mais independentes e muito mais interessados na busca de informações e em absorver o conhecimento de todos os espaços que eles ocuparem.

REFERÊNCIAS

AUER, P. (1995). Context and contextualization. In J. VERSHUEREN, J.O. Ostman & J. Blomamaert (Eds.), Handbook of pragmatics (pp. 1-19). Amsterdam: John Benjamins.

MORAIS, A. G. de; ALBUQUERQUE, E. B. C. de; LEAL, T. F. Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetização & linguística. 10a ed. São Paulo: Scipione, 2007.

FREIRE, Paulo. Conversando com Educadores. Montevideo: Roca Viva, 1990.



FREIRE, Paulo. *Política e Educação: Ensaio*. São Paulo: Cortez, 1993.

GALVÃO, A.; LEAL, T. F. Há lugar ainda para métodos de alfabetização? Conversa com professores(as). In: MORAIS, A.; ALBUQUERQUE, E.; LEAL, T. F. (orgs.). *Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 11-28.

GOIS, D. N. S., & BARBATO, S. B. (2018). Dinâmicas de produção de identidade docente en la educación de adultos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 38(3), 480-493. <https://doi.org/10.1590/1982-37030000492017>

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda. *Aparecida. Novas tecnologias e mediação pedagógica*. Campinas. : Papirus, 2000.

SEABRA, A. G., & CAPOVILLA, F. C. (2010). *Teste de Competência de Leitura de Palavras e Pseudopalavras*. São Paulo: Memnon.

